

RESUMOS DE PALESTRAS

METODOLOGIA DE EDUCAÇÃO EM VALORES HUMANOS

Maria das Graças BITTENCOURT¹

¹ Psicóloga; Psicopedagoga; Coordenadora do Programa de Educação em Valores Humanos na Ação Social - Palotina/PR.

A Metodologia de E. V. H nasceu na Índia em 1968 pelo jovem educador Sathya Sai Baba . Este educador preocupado com a situação de injustiça social em seu país observou que o que todos os governantes tinham em comum era o fato de terem passado pelo banco da escola e que nas escola se ensinavam muitas coisa: se ensinava ler , a escrever, a construir pontes, carros, a nadar, a jogar mas não se ensinavam as pessoas a serem felizes e muito menos a utilizarem seus conhecimento a favor da humanidade para que se faça o contrário Sathya Sai criou a Metodologia de E.V.H.- é uma metodologia que se utiliza dos cinco princípios básicos : Paz, Amor, Ação correta e Não-violência aliadas as cinco técnicas fundamentais : sentar-se em silêncio, citação, cantar. Trabalho em grupo e contar história para que a educação alcance seu principal objetivo a formação do caráter.

ARTE EDUCAÇÃO: A LINGUAGEM DO MUNDO E A LINGUAGEM DA ARTE

Taísa Aparecida Bidóia¹

¹Arte-Educadora – Umuarama –PR

São as linguagens da arte que nos permitem vivenciar na sala de aula a emoção, a sensibilidade, o pensamento, a criação, seja através de nossa própria produção, seja através das obras dos mais diversos autores e artistas. É sobre a importância de levar a arte para dentro da escola que iniciamos nosso curso. É papel fundamental ampliar o número de práticas dos seus alunos, buscando assim instrumentalizá-los para a apropriação de conteúdos sociais e culturais, sendo que isto deve estar seguido de uma tomada de consciência crítica, reflexiva e construtiva. Em trabalhos artísticos, ou mesmo no estudo da arte, exige-se a capacidade de iniciativa para inovar, além disso, é crucial que o aluno seja capaz de “aprender a aprender”, não sendo um mero reprodutor das habilidades alheias. Apresentar aos alunos, futuros professores, metodologias para o trabalho artístico e histórico da arte, possibilitando embasamento para a formulação de trabalhos no decorrer da vida profissional que tragam para o contexto escolar a diversidade cultural acumulada pela humanidade de forma significativa e prazerosa para o aprendiz. Assim sendo, a justificativa deste trabalho centra-se na ampliação de conhecimentos relacionados a Arte, visando o resgate e sua confirmação com conteúdo fundamental na formação do ser humano.

A AVALIAÇÃO NA PRÁTICA EDUCATIVA DO ENSINO FUNDAMENTAL

Fátima Aparecida de Souza FRANCIOLI¹

¹Consultora do MEC na Rede Paraná para acompanhamento dos programas dos ministérios

A avaliação é uma ação que ocorre durante todo o processo de ensino e aprendizagem e subsidia o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre a sua prática. Para o aluno, é o instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades de reorganização na tarefa de aprender. Para a escola, possibilita definir prioridades e localizar quais aspectos das ações educacionais demandam maior apoio. A função da avaliação é alimentar, sustentar e orientar a ação pedagógica no desenvolvimento dos conteúdos *conceituais, procedimentais e atitudinais*, tornando-se, desse modo, uma atividade iluminadora e alimentadora do processo de ensino e aprendizagem. A avaliação deve ser dialógica e realizar-se num espaço em que seja considerado aquele que ensina, aquele que aprende e a relação intrínseca que se estabelece entre todos que participam do processo de aprendizagem. É fundamental que o professor procure identificar, mediante observação e o diálogo, como o aluno está pensando, considerando seus conhecimentos prévios, suas hipóteses e os domínios por ele construído. É nesse contexto, portanto, que se convencionou denominar as fases da avaliação de diagnóstica ou inicial, formativa ou processual e somativa ou final. Outro fator importante no processo de avaliação é que o aluno deverá saber desde o início como, quando e de que modo está sendo avaliado, para que sua participação e entendimento no processo de ensino e aprendizagem sejam ampliados.

ESCULTURA CRIATIVA DE SUCATA

¹Tania Regina ROSSETTO

¹Arte Educadora

Pensando em uma maneira alternativa para se fazer esculturas e aproveitando a realidade que nos cerca sobre o problema crescente do lixo produzido pelo homem, propõe-se um curso de esculturas construídas a partir de sucata. Aproveitando um material ao alcance de todos. O curso de Escultura Criativa de Sucata pretende desenvolver a habilidade criativa e criadora dos participantes, reaproveitando materiais que teriam como destino a lata de lixo ou mesmo as ruas, desenvolver consciência sobre a importância da conservação do meio em que vivemos e transformar de maneira positiva sucata em obras de arte. As montagens das esculturas serão feitas com sucata, revestida com massa corrida e para o acabamento serão utilizadas várias técnicas de pintura. Espera-se que ao fim do curso os participantes possam se maravilhar com a Arte tirada do lixo e fazer uso das técnicas aprendidas no seu dia-a-dia como cidadão consciente e apreciador das belezas criadas por Deus e, no caso das esculturas, pelas mãos dos homens.

FILME TEMÁTICO

Nelson Luiz POSSETI¹, Sueli Garanhani BONADIO¹, Fátima Aparacida de Souza FRANCIOLI²

¹Professores Docentes da UNIPAR, ² Consultora do MEC na Rede Paraná para acompanhamentos dos programas do Ministério

Refletir sobre as relações entre os meios de comunicação de massa e o processo ensino-aprendizagem, enseja análise sobre o descompasso entre o mundo contemporâneo, imerso em imagens, e as instituições de ensino, que tardiamente se deram conta das mudanças ocorridas à sua volta. E de se perceber que o domínio das imagens aumenta sem cessar, embora os educadores, não estejam dando a devida atenção a esse fato pelo contrário, chegam a ignorá-lo na maioria das vezes. Na ótica do estudioso dos fenômenos da pós-modernidade Frederic Jameson, o mundo vive o “império absoluto das imagens”, em que tudo se relaciona direta ou indiretamente com o visual, o que deve merecer melhor reflexão por parte dos professores que se proponham a usar as imagens associando-as às mensagens, principalmente a partir de experiências realizadas com filmes temáticos. A escolas em geral que desejarem explorar este âmbito, devem colocar em discussão a necessidade de se equipararem com aparelhos de TV e videocassete, procurando recuperar o tempo perdido. Não bastam, no entanto, equipamentos e desenvolvimento tecnológico, se submetidos a uma discussão movida pelo pernicioso senso comum. É necessário que se promova o exercício constante de desmistificar as imagens, destruindo a concepção de que elas são portadoras de verdades incontestáveis. Nesse desafiador cenário, como nossas escolas capacitado a levar a cabo esse trabalho? É nas respostas a essas questões que se encontra o caminho para enfrentar os desafios colocados pelo videocassete, continuarão a ser aproveitados superficialmente para “matar aula”. Eis o desafio: dinamizar uma metodologia voltada para a operacionalização do audiovisual, e isto é o que a atividade se propõe.

ORIGAMI

Maria do Carmo de Oliveira NOGUEIRA¹,

¹Coordenadora e Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Paranaense - UNIPAR

A habilidade artística só é conseguida se, explorada e permitida pela liberdade de expressão e criação. Nosso auto-conhecimento, também é possibilitado através da arte, pois aprendemos a estabelecer relações criativas com o mundo e, encontrar novos caminhos e novos canais de aprendizagem. A observação ativa desperta a capacidade de percepção visual, cinestésica e espacial, e quando, na manipulação do papel para transformá-lo em figuras (humanas e animais ou outro objeto), possibilita o desenvolvimento da coordenação motora - fina, permitindo maior segurança e definição de tais habilidades, bem como, leva a melhoria do relacionamento intra e interpessoal provocando a reflexão, da própria pessoa sobre si mesma, para construir e fortalecer valores sociais e emocionais, pois possibilita a canalização das energias tanto positivas, como negativas. Origami é uma oficina, que se propõe a desenvolver habilidades motoras e artísticas dos profissionais de educação que atuam no primeiro segmento do Ensino Fundamental, e ainda, possibilita às educadoras mais uma forma de motivação para as atividades de ação pedagógica, como: auxílio na contação de histórias infantis, dramatização, gesticulação, cantos, contos e propostas de brincadeiras na sala de aula (parlendas, trava-línguas, etc.). Acreditamos que esta aprendizagem poderá ser útil para recreacionistas em atividades lúdicas e formativas. Promove a melhoria do processo de ensino-aprendizagem através da expressão artística. A oficina priorizando a espontaneidade e a liberdade de criação, propicia aos participantes a vivência do que é aprender em um contexto educacional, e perceber que a arte poderá servir como recurso importante para ampliar a curiosidade na aprendizagem.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES, TRABALHO ESCOLAR E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Lizete Shizue Bomura MACIEL¹

¹ Docente- UEM; Dr.^a em Educação PUC/SP

A temática da palestra “Formação de professores, trabalho escolar e produção do conhecimento” por ser bastante ampla precisa ser abordada por meio de algumas indagações a respeito dos vários sentidos atribuídos a cada um dos elementos que a compõe. Recortando a temática e tomando o “trabalho escolar” torna-se necessário, inicialmente, levantar algumas questões orientadoras para reflexões: 1) O que é isto que denominamos de trabalho escolar? 2) A quem pertence? Ele é unidimensional ou é multidimensional? 3) Que sentidos são atribuídos por professores e por alunos a essa atividade? 4) A forma como vem sendo desenvolvido pode produzir um conhecimento novo para o aluno e para os professores? É fundamental compreender que dependendo da concepção desenvolvida sobre o seu sentido pode ou não produzir, dentro do processo de ensinar e de aprender, um conhecimento novo. Ainda dentro desse direcionamento, em relação à “produção do conhecimento”, algumas interrogações se fazem necessárias: 1) o que é produzir conhecimento? 2) quem produz conhecimento? Apenas o professor? E o aluno? 3) como se produz conhecimento? Como o trabalho escolar pode ancorar a produção do conhecimento? Por que se estabelece uma forte relação de que só há produção de conhecimentos pelo pesquisador da academia? Esse encaminhamento torna-se necessário porque se está buscando a construção de uma trajetória de reflexões, situando no centro desta palestra a “formação de professores”. Isso significa posicionar-se de que forma e em qual perspectiva o trabalho escolar pode produzir conhecimento novo na formação de professores. Para tal, apresentar-se-á os resultados de uma pesquisa desenvolvida no período de março de 2000 a fevereiro de 2002, denominada “Um olhar reflexivo sobre a prática de investigação pedagógica na formação inicial de professores”, tendo como sujeitos deste estudo as acadêmicas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá. Tal abordagem é importante, pois, atualmente, considera-se que a formação inicial de professores não pode se restringir a uma visão reducionista de ensino, uma vez que o ensino por si só, pode cair na simples reprodução. É necessário que o futuro professor seja preparado para atuar dentro das reais necessidades da educação brasileira atual. E quais são elas? Como compreender esse real que está aí colocado e que não é lido porque não investigado. Em relação ao aspecto de formação do acadêmico e do futuro professor, André (1994) e Ramalho (1998) enfatizam a importância também da pesquisa como elemento fomentador e formador do profissional da educação. Para essas autoras, a pesquisa viabiliza a aquisição de conhecimentos, articulando teoria e prática na atuação docente, cujos resultados podem auxiliar a ruptura com o modelo estabelecido e que está cada vez mais repetitivo. André (1994) afirma ser necessário que ocorra uma integração entre ensino e pesquisa no trabalho docente, apontando a importância do papel da pesquisa na formação e no aperfeiçoamento do professor. O educador precisa ter domínio do conhecimento teórico-prático, para poder exercer a sua profissão. Mais ainda, este conhecimento precisa ser constantemente atualizado, ampliado e aprofundado, para que ele possa atender às necessidades reais na formação do aluno. Para que isto seja possível, o professor que forma professores, antes de tudo, precisa ser educado pela pesquisa, para que as situações de sala de aula, que envolvem o ensino e a aprendizagem, não sejam olhadas de forma cristalizada, como situações impossíveis de serem trabalhadas pedagogicamente.

REPENSANDO A ATUAÇÃO PROFISSIONAL E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Fátima Aparecida de Souza FRANCIOLI¹

¹ Consultora do mec na rede Paraná para acompanhamentos dos programas do Ministério

Diante da urgência na elevação do nível de qualidade da educação escolar, coube ao MEC propor ações e políticas que possam ser referência para todos, socializando discussões e sistematizando propostas que propiciem avanços significativos, para que mudanças necessárias aconteçam e se consolidem. O quadro que se configura na educação básica requer investimentos substanciais para a sua transformação, investimentos que devem ser destinados tanto à melhoria dos recursos materiais como da formação dos profissionais dos quais depende a educação brasileira. Assim, a formação de professores destaca-se como um tema crucial e, sem dúvida, uma das mais importantes dentre as políticas públicas para a educação, pois os desafios colocados à escola exigem do trabalho educativo outro patamar profissional, muito superior ao hoje existente. Tudo parece indicar, portanto, que uma boa formação profissional, aliada a um contexto institucional que favoreça o espírito de equipe, o trabalho em colaboração, a construção coletiva, o exercício responsável de autonomia profissional e adequadas condições de trabalho, são ingredientes sem os quais não se alcançará a qualidade pretendida na educação. É nesse contexto, que a formação de professores foi pensada no Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado – Parâmetros em Ação, que tem como propósito apoiar e incentivar o desenvolvimento profissional dos educadores, de forma articulada com todos os segmentos da educação básica. A idéia central desse projeto é favorecer o desenvolvimento de competências de leitura e escrita, o trabalho em grupo, a organização de seqüências didáticas e o gerenciamento autônomo de sua própria formação continuada. No Estado do Paraná o Programa está assim organizado: 16 Pólos; 206 municípios; 206 coordenadores gerais; 517 formadores de grupos, sendo: 164 formadores de Educação Infantil, 189 formadores de 1^a a 4^a séries, 45 formadores de 5^a a 8^a séries, 19 formadores de EJA e 100 formadores de Meio Ambiente na escola, atendendo aproximadamente 24.000 professores.

SHANTALA – MASSAGEM PARA BEBÊS

Maria do Céu Farinha FERNANDES¹

¹ Especialista em Psicologia Corporal

A massagem Shantala é uma arte, é um ato de amor, afeto e carinho para com o bebê, expressa através do toque suave, numa seqüência de movimentos rítmicos, lentos, harmoniosos, repetitivos, mas firmes. A massagem para bebês tem por objetivo transmitir serenidade, segurança, afeto ao bebê, ajuda a estabelecer um relacionamento carinhoso e caloroso entre mãe e filho por meio do toque, do olhar, sorriso e da voz repletos de ternura. Vai possibilitar ao adulto um contato íntimo e freqüente com o bebê que resultará num envolvimento crescente, de confiança e fluidez na relação tão necessárias à saúde emocional, física e psíquica da criança nos primeiros anos de vida. Shantala é um técnica de massagem praticada há milhares de anos pelos povos orientais, com sucesso, na prevenção e combate de algumas doenças sendo divulgada no Ocidente pelo obstetra francês Dr. Frederick Leboyer. O termo massagem significa a compreensão metódica das partes musculares do corpo e das articulações. Na massagem Shantala, o bebê adquire a noção de contorno e limite das várias partes do corpo, tornado-a uma massagem terapêutica devida à prevenção de doenças e proporcionar o relaxamento e bem estar do bebê. A massagem deve ser feita pela manhã ou à tardinha. A mãe senta-se confortavelmente com as costas apoiadas, corpo ereto e relaxado, com as pernas esticadas e deitar a criança sobre as pernas com o rosto do bebê de frente para o seu. É necessário respeitar o ritmo do bebê e adaptar-se ao melhor horário de sua rotina, num local aquecido, arejado, porque o bebê deve ficar totalmente despido. Utiliza-se óleo vegetal para aquecer as mãos, facilitando o deslizar suave sobre o corpinho do bebê durante a massagem. É desenvolvida em três fases, na primeira fase aplica-se a massagem no peito, braços, mãos, abdome, pernas e pés, através de dois exercícios em cada região. Na segunda fase são tocadas as costas e o rosto, por meio de três exercícios para cada região. Na terceira fase, aplicam-se os exercícios finais com a intenção de liberar as tensões através de alongamento. A aplicação da massagem necessita ser lenta, com ritmo, harmoniosa, numa demonstração de habilidade e compreensão. A mãe ou adulto precisa conversar com a criança, prestar atenção as suas reações comunicando-se com os olhos, as mãos, o sorriso, a voz, transmitindo ao bebê segurança, amor, afeto e bem estar. A massagem – Shantala proporciona maior flexibilidade aos membros, reforça e tonifica os músculos e a pele. Ativa o sistema nervoso, fortalece o sistema imunológico, beneficia os sistemas respiratório, digestivo e o metabolismo da criança. A essência da massagem – Shantala, consiste na intensa e sentida transferência de amor da mãe para o filho, por meio de leves toques e doces manipulações no corpinho do bebê, onde sua saúde está vinculada à estimulação de sua sensibilidade. A experiência com massagem Shantala foi muito gratificante, enriquecedora e de grande crescimento pessoal, num trabalho de prevenção nos postos de saúde de Umuarama, durante os anos de 1998 e 1999, através do CEPREV (Centro de Prevenção).

“PALHESTRA”: UM ESPETÁCULO BEM HUMORADO QUE PROMOVE REFLEXÕES SOBRE A QUALIDADE DE VIDA

Rogério SOARES¹

¹ Ator, Acadêmico de Comunicação Social da UNIPAR

A responsabilidade do educador nos dias atuais está cada vez maior. Notamos que as famílias depositam sobre a escola e seus professores a importante tarefa de formar o cidadão. O chefe de família seja ele o pai ou a mãe, precisa estar todo o tempo inserido na selvagem competição pela sobrevivência, e se distancia cada vez mais da missão de educar os seus filhos. Esta relação do pai diante do professor tem duplo sentido: o de aproximação, através das cobranças de resultados do profissional, e o afastamento por delegar ao outro sua tarefa paterna ou materna. Desta maneira, o professor passa a ter a missão de transformar as vidas das crianças e com este acúmulo de funções falta-lhe tempo para sorrir. Com o estresse em nossas portas, em cada esquina e principalmente dentro de cada cabeça, não se aprende bem, não se trabalha, não se ama, não se vive, não se faz nada bem. Mas, tudo tem solução, e a solução está mais próxima do que se imagina. Um sorriso, tímido ou escandaloso, sonoro ou silencioso, mas, verdadeiro, um sorriso, um riso, uma gargalhada e muitas janelas e portas se abrem. Por tudo isso e um pouco menos, da união de uma palestra convencional com um monólogo teatral surgiu a “PALHESTRA”, nascida da parceria de conhecimentos psicológicos, psicopedagógicos com as artes cênicas, somados a um Projeto de Saúde, com a finalidade de mostrar a importância do bom humor para a qualidade de vida. Um trabalho que tem a modesta intenção de divertir, de fazer refletir para que haja mudanças, levando o público a participar por inteiro, ouvindo com atenção cada palavra, para transformá-las em terapêuticas gargalhadas. “PALHESTRA” é um espetáculo adulto que não requer espaço especial, e utiliza como material de apoio o tradicional e teatral álbum seriado. É um espetáculo com apenas um ator, que também é diretor, maquiador e até palestrante. Apresentada por um “clown”, um palhaço que se diz “Doutor em Riso Preso”, com duração aproximada de 1h30min. Tal trabalho atendeu um público aproximado de 15 mil pessoas, em empresas, universidades, prefeituras, clubes, associações e outros segmentos.

INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

¹Edlainy Oliveira Cavalcanti Hernanes

¹ Professora da UNIPAR

A teoria das Inteligências Múltiplas busca ampliar o alcance do potencial humano propondo que toda pessoa possui pelo menos oito inteligências e que todas podem ser desenvolvidas num nível adequado de competência. Advoga a favor da importância em ampliar o significado da multiplicidade do indivíduo e de sua singularidade face às suas ‘muitas’ inteligências. Há a exaltação de uma educação centrada na individualidade de suas inteligências propondo uma nova escola que desenvolva programas de educação para a compreensão e que torne clara a diferença entre inteligências (potencial biopsicológico que todo ser humano possui de forma diferente e que o conduz a buscar soluções) e conhecimento (material com o qual se operam habilidades e se estimulam inteligências). A teoria das Inteligências Múltiplas teve sua origem em 1979 com o psicólogo Howard Gardner o qual, como pesquisador da Universidade de Harvard, foi convidado por uma fundação holandesa para investigar o potencial humano. Este convite levou à criação do Projeto Zero de Harvard, o que serviu como início da teoria das inteligências múltiplas. Foi com a publicação do livro *Estruturas da Mente* em 1983 que fica portanto assinalado o nascimento desta teoria. Gardner, atualmente com 60 anos, é professor de Cognição e Educação e Co-diretor do Projeto Zero na Harvard e professor adjunto de neurologia na Universidade de Boston. Conhecer a Teoria das Inteligências Múltiplas predispõe a utilização de estratégias que privilegiem o ser humano como totalidade. Sua proposta consiste no desafio de Gardner em contrapor a crença comum de que inteligência poderia ser medida e reduzida a um simples número ou escore de Q.I. Para cada área específica há o destaque de determinadas inteligências e a interdisciplinaridade é um fator preponderante na construção do conhecimento. O *conhecimento* conduz a *compreensão* e enfatiza a importância da *flexibilidade de pensamento*. A sociedade contemporânea está vivendo um momento nítido de transição e torna-se preocupante a dificuldade das pessoas em se adequarem, ou ainda, a descobrirem-se ‘inteligentes’ de outras formas que vão além da forma tradicional de ‘imaginar-se’ inteligente. Ao estudar sobre as ‘novas formas de inteligências’ acredita-se poder contribuir para reflexões sobre a prática na educação e sobre a vida. Impera a necessidade de abrir o leque de opções frente ao processo de aprendizagem para que se possa corresponder às exigências do meio e, ao final, para que se possa buscar de cada um o melhor desempenho. Embora com algumas divergências as teorias sobre inteligência na atualidade conspiram a favor da importância em ampliar o significado da multiplicidade do indivíduo e de sua singularidade face às suas ‘muitas’ inteligências. Combatem a ideia de uma “inteligência geral” e contrapõem processos educacionais que imaginam que todos são semelhantes e devem dispor de recursos pedagógicos iguais. Segundo Gardner há oito ‘tipos’ de inteligências: *lingüística* (a capacidade de usar as palavras de forma efetiva, quer oralmente ou na escrita) *lógico-matemática* (capacidade de usar os números de forma efetiva e para raciocinar bem), *espacial* (capacidade de perceber com precisão o mundo visuo-espacial e de realizar transformações sobre essas percepções) *corporal-cinestésica* (perícia no uso do corpo todo para expressar ideias e sentimentos e facilidade no uso das mãos para produzir ou transformar coisas), *musical* (capacidade de perceber, discriminar, transformar e expressar formas musicais), *interpessoal* (capacidade de perceber e fazer distinções no humor, intenções, motivações e sentimentos das outras pessoas), *intrapessoal* (autoconhecimento e a capacidade de agir adaptativamente com base neste conhecimento) e *naturalista* (perícia no reconhecimento e classificação das numerosas espécies - flora e fauna – ou formações naturais como montanhas, pedras, etc). Todas funcionam juntas e de maneira complexa, ou seja estão sempre interagindo e desta forma resultam em inúmeras maneiras de ser inteligente. É de máxima importância reconhecer e estimular todas as variadas inteligências humanas e todas as combinações de inteligências. “Nós somos todos tão diferentes, em grande parte, porque possuímos diferentes combinações de inteligências. Se reconhecermos isso, teremos melhores chances de lidar adequadamente com problemas que enfrentamos neste mundo” (GARDNER apud ARMSTRONG, 2001)